

### C. O sumo Bem (KpV A 194 - 237)

**O problema** > O problema no contexto da Crítica da razão prática: determinar o incondicionado para o praticamente condicionado (o que repousa em inclinações e carências da natureza). O incondicionado aqui, no entanto, não deve ser entendido como aquilo que determina a vontade (a saber, o imperativo categórico), mas como a totalidade incondicionada do objeto da razão prática pura, sob o nome de sumo Bem (194).

**O papel da filosofia** > Filosofia é aqui determinada por Kant como doutrina da sabedoria (Weisheitslehre) ou doutrina do sumo Bem (Lehre vom höchsten Gut): ela é, pois, uma instrução (Anweisung) para a determinação do que é o sumo Bem e de como alcançá-lo (194s).

**O sumo Bem e a questão do fundamento de determinação da vontade** > O sumo Bem, a princípio, não pode ser fundamento de determinação da vontade, porque ele é objeto, matéria de vontade pura. No entanto, ele pode atuar como tal, desde que ele tenha no conceito de lei moral sua condição suprema (196s).

**Dois significados de supremo (das Oberste)** > Das Oberste como supremum, originarium significa a virtude (aquele esforço de sempre agir em conformidade com o imperativo categórico), enquanto ele, interpretado como consumatum, perfectissimum, significa a união da virtude, enquanto condição suprema ou causa, com a felicidade, como aquilo que tem como pressuposto a virtude (198s).

**O sumo Bem e a questão das unidades analítica e sintética** > A relação entre virtude (moralidade) e felicidade pode ser articulada de forma analítica (lei da identidade) ou sintética (lei da causalidade). A forma analítica, escolhida por epicuristas e estóicos, não é a correta, pois virtude e felicidade possuem lógicas diferentes. A relação entre elas deve ser sintética (199s). Segundo o epicurista, estar consciente de sua máxima que conduz à felicidade (de acordo com princípios empíricos e sensíveis) é a virtude (moralidade). Portanto, ser feliz é simultaneamente ser ético. Para os estóicos, por sua vez, estar consciente de sua virtude (ação conforme ao imperativo categórico) é a felicidade. Portanto, ser ético é simultaneamente ser feliz (200) [V. também sobre as posições éticas do epicurismo (p. 203-205; 200-221) e estoicismo (p. 328-329; 338-314) in Reale, G. *História da filosofia antiga III*. São Paulo: Loyola, 1994.]. Assim sendo, epicurismo e estoicismo não resolvem o problema do sumo Bem, já que eles pretendem resolvê-lo de forma analítica. Permanece, pois, a questão pela possibilidade prática do sumo Bem, ou seja, sua produção mediante a liberdade (espontaneidade e autonomia) da vontade e de forma sintética.

**A antinomia da razão prática** > Kant apresenta o problema que se coloca à razão prática: a produção do sumo Bem mediante a liberdade da vontade. Primeira alternativa: a felicidade como causa e moralidade como efeito. Ele é totalmente inaceitável, visto que o sumo Bem estaria dependente de elementos empíricos. Segunda alternativa: a moralidade como causa e a felicidade

como efeito. Ela também é inviável, já que a moralidade não está em condições de garantir a felicidade enquanto uma vida que decorre segundo o agrado empírico e sensível do indivíduo. No entanto, o conceito do sumo Bem é “um objeto necessário a priori de nossa vontade” (205), ou seja, a ligação ou síntese necessária entre moralidade e felicidade é uma exigência de uma vontade determinada pela razão prática pura: “Pois ser carente de felicidade, também ser digno dela, não ser, no entanto, dela partícipe não pode ser congruente ... com o querer perfeito de uma vontade racional” (199). Portanto, a rejeição do sumo Bem implica também necessariamente considerar a lei moral como sendo em si mesma falsa (205).

**Supressão crítica da antinomia da razão prática** > A segunda alternativa não é totalmente falsa, mas somente condicionalmente falsa: caso a consciência da virtude seja interpretada como a forma da causalidade no mundo sensível e, portanto, a existência (Dasein) no mundo sensível seja a única para o ser racional. No entanto, a antinomia tem solução, se a consciência da virtude for interpretada como uma forma de causalidade no mundo inteligível de um evento no mundo sensível como efeito daquela (felicidade). Moralidade e felicidade estão ordenadas de tal modo que esta última é o efeito moralmente condicionado da primeira, de uma ação determinada pelo imperativo categórico. (206s).

**A imortalidade da alma como um postulado da razão prática pura** > Antes de mais nada, vale lembrar o que Kant entende por postulado: trata-se de uma proposição teórica, mas, como tal, não demonstrável, conectada, contudo, inseparavelmente a uma lei prática que vale incondicionalmente a priori. A lei moral exige a realização do sumo Bem. Ela exige, portanto, a virtude, ou seja, a adequação da disposição ou vontade à lei moral como condição suprema do sumo Bem. Ora, tal adequação não é plenamente possível no tempo para um ser racional no mundo sensível. Logo, para que esta adequação tenha lugar e, portanto, o sumo Bem possa ser realizado, é necessário pressupor a existência e a personalidade do ser racional perdurável ao infinito. A perduração infinita da existência e personalidade do ser racional constitui a imortalidade da alma (219ss).

**A existência de Deus como um postulado da razão prática pura** > A estrita observância do imperativo categórico não pode nos proporcionar felicidade (o segundo componente do sumo Bem), já que ela não tem por critério o agrado ou desagrado de nossos sentimentos, paixões ou inclinações. O critério da felicidade também não pode nos proporcionar o sumo Bem, visto que ela não pode ser considerada, de acordo com Kant, a causa do sumo Bem. A vinculação entre moralidade e felicidade a ela (moralidade) proporcional é, pois, somente possível mediante um ser que consiga transitar entre o critério incondicional e inteligível da moralidade e a natureza (felicidade). Este é Deus, simultaneamente autor da natureza e ser dotado de entendimento e vontade. De um lado, ele é um ser moral como o ser humano. Mas, diferentemente deste, um ser moral perfeito. De outro lado, ele não é finito como o ser humano, mas, como ser infinito e dotado de amplos poderes, pode ser o autor da natureza. Só sua existência pode garantir que a felicidade

seja vinculada com a moralidade, conectando duas esferas heterogêneas em si mesmas. Ele é, então, o distribuidor (Austeiler, 231) de felicidade proporcional à moralidade, a saber, de acordo com o grau de adesão ao imperativo categórico. O erro de estoicismo e epicurismo consistiu em vincular moralidade com a felicidade sem levar em conta os pressupostos da imortalidade da alma e da existência de Deus, principalmente este último postulado. Pois, somente ele pode garantir o vínculo de esferas que operam segundo critérios qualitativamente distintos. Na medida em que ambos negligenciam este postulado, não conseguem, aos olhos de Kant, tematizar adequadamente o sumo Bem. Daí, segundo Kant, a superioridade do cristianismo frente ao estoicismo e epicurismo, já que ele, mediante o conceito de reino de Deus (tradução em termos do cristianismo daquilo que Kant denomina sumo Bem), vincula moralidade com a felicidade através do beneplácito divino. Não por acaso, portanto, Kant também articula as conclusões de sua crítica da razão prática com a religião cristã, mostrando a compatibilidade entre razão no seu uso prático e a fé cristã. Afinal, assegura Kant, o princípio cristão da moralidade não é teológico ou heteronômico, mas fundamenta-se na autonomia da vontade, já que o conhecimento de Deus e sua vontade não são necessários para assegurar a autonomia da vontade do ser racional finito, mas, antes, são garantias (postulados, segundo Kant) para a realização do reino de Deus ou sumo Bem (222ss).

Deus e natureza, como vimos, não constituem o fundamento do imperativo categórico, mas a existência de Deus, como proposição teórica admitida em conexão com a lei prática incondicionada, a saber, como postulado, lança a mediação necessária entre o ethos e a physis tendo em vista a realização do sumo Bem, mediação que a natureza e o homem não podem promover.